

Projeto do Programa PROBIC na área de Morfologia Urbana em Arquitetura e Urbanismo

Título do projeto proposto: Morfologia Urbana – Transformações urbanas das vilas do séc. XVIII – Estudo de caso de Barbacena-MG

Coordenador do projeto: Prof. M.e Luís Otávio Campos Faustino Vieira

Aluno: Frederico Ozanam de Melo Souza¹

Colaboradores (se houver): Gabriela Cristina de Sousa Silva², Lucas dos Santos Augusto², Felipe Santarosa de Souza², Prof. M.Sc. Luís Otávio Campos Faustino Vieira³, Prof. M.Sc. Sérgio Luiz Barroso Campello Cardoso Ayres⁴, Prof.^a. Dra. Ivana Melhem Deoud⁵, Prof. José Bonifácio Couto de Andrada⁶

Autor(a)(es) do texto: Frederico Ozanam de Melo Souza

Vigência do projeto: 20/04/18 a 20/04/19

Morfologia Urbana – transformações urbanas das vilas do século XVIII –
Estudo de caso de Barbacena-MG

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo identificar as transformações urbanas dos assentamentos humanos do século XVIII a partir do estudo de caso de Barbacena-MG. Para isso, foi realizado um profundo estudo da formação das cidades, para obter-se o entendimento de como procedeu-se a ocupação do espaço, tanto no âmbito global, quanto no regional, bem como a expansão desta ocupação sob a ótica de diversas teorias urbanísticas e morfológicas. A partir disso, foi feito um trabalho de campo objetivando a identificação in loco dos elementos fundadores das principais teorias estudadas para que se pudesse identificar as origens dos problemas decorrentes da expansão da malha urbana no objeto de estudo e propor soluções para eliminar ou atenuar tais problemas de modo a preservar os aspectos históricos e culturais da região, sem, contudo, impedir que iniciativas de transformação positivas sejam implementadas. Para entender a forma de ocupação e expansão ocorrida na cidade de Barbacena, foi trabalhado um recorte abrangendo os bairros Centro e São José, pois esta região concentra um grande número de referências históricas e culturais, já que faz parte do eixo inicial de ocupação e por isso possui, coexistindo, elementos desde o período de formação até elementos atuais, possibilitando a observação da modificação do espaço no decorrer dos anos, permitindo analisar o impacto de cada forma na imagem atual da cidade.

Palavras-chaves: Morfologia. Urbanismo. Barbacena. Desenvolvimento. Formação. Identidade.

1 – Bolsista do projeto de pesquisa e graduando em Arquitetura e Urbanismo pela UNIPAC (fredmelo@me.com)

2 – Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela UNIPAC

3 – Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável pela UFMG

4 – Mestre em Letras pela UFSJ

5 – Doutora em Literatura Comparada pela UFMG

6 – Pós-graduado em Direito Urbanístico e Ambiental pela Pontifícia Universidade Católica/MG

1. Introdução

Este artigo apresenta os resultados do projeto de pesquisa “Morfologia Urbana – transformações urbanas nas vilas do século XVIII” tendo como objeto de estudo a cidade de Barbacena, especialmente a área que abrange os bairros Centro e São José.

Barbacena foi escolhida como objeto deste estudo por ser uma cidade tanto de características históricas, quanto de características contemporâneas, sem, contudo, se enquadrar totalmente em um desses modelos.

2. Teorias Urbanísticas

O presente projeto de pesquisa foi fundamentado em quatro abordagens teóricas, representadas por quatro obras relevantes sobre urbanismo. Cada uma destas obras permite enxergar a cidade sob determinado aspecto.

A História da Cidade, de Leonardo Benevolo, possibilitou entender o processo de surgimento e expansão das cidades ao longo da história e traçar paralelos com a evolução da morfologia urbana de Barbacena, identificando problemas presentes ainda hoje e que já haviam sido identificados em diversos períodos históricos, mas que, mesmo apresentando-se de forma diferente, ainda não foram totalmente solucionados.

Em A Imagem da Cidade de Kevin Lynch e Morte e Vida das Grandes Cidades de Jane Jacobs, que embora abordem a cidade de forma distinta, tratam da relação entre a cidade e seus habitantes, foi possível identificar a imagem de Barbacena e entender a forma como se dão as relações sociais, culturais e econômicas dentro de seu espaço urbano.

Através da análise de diversos urbanistas, apresentados na obra O Urbanismo de Françoise Choay, obteve-se uma visão ampliada dos aspectos positivos e negativos da cidade de Barbacena ao longo de seu desenvolvimento.

3. Escolas de Morfologia Urbana

Para a realização do estudo da morfologia urbana de Barbacena, utilizou-se duas metodologias distintas de forma a obter-se um quadro mais abrangente do processo de evolução da cidade.

3.1. Escola Italiana de Morfologia Urbana

A chamada Escola Italiana de Morfologia Urbana teve sua formação a partir das ideias e estudos de Saverio Muratori, posteriormente desenvolvidos por seus colaboradores. Sua metodologia é dividida em três partes: identificação e classificação dos edifícios em tipos e o reconhecimento do tipo e suas mudanças ao longo do tempo; estudo da formação dos conjuntos e tecidos urbanos e do sistema de leis e regras que estabelecem a formação urbana; análise das rotas como primeira e única estrutura definida pelo homem na fase de ocupação.

Com essa metodologia, que parte do particular para o geral, estuda-se a edificação, através dos tipos e suas variações e mutações decorrentes da cultura e do tempo. O tipo básico reflete a cultura local e pode ser reconhecido por suas transformações, baseada em um princípio comum que se mantém perceptível na análise morfológica. Este estudo é feito a partir da observação e percepção crítica do tipo e suas variações, de modo a permitir compreender a conformação do tecido urbano. Estas mudanças formam o processo tipológico e são classificadas em três grupos: diatópico, que corresponde à consciência espontânea de determinada área cultural em outra região geográfica, cuja consciência difere da primeira; sincrônica, que corresponde à repetição de um tipo mesmo quando não se enquadra na situação, gerando uma diminuição de eficiência; diacrônica, que corresponde à diversificação cronológica.

Os conjuntos e tecidos urbanos são, na escala urbana, o que é o tipo na escala do edifício, ou seja, é o resultado da junção de vários edifícios em um bloco, reunidos através de seus pontos mais destacados. Desse modo, um agregado gera um conjunto de regras necessárias à sua própria formação. Contudo, o próprio conjunto urbano também se forma através de ciclos de ocupação derivados das rotas, necessárias para o deslocamento de pessoas, bens e serviços.

O assentamento se forma em áreas de crista e em um segundo momento se forma um cruzamento de rotas, para o escoamento de produção, até que se vá em direção aos vales, principalmente em busca de acesso a água. A partir dessas rotas de serviço desenvolvem-se as rotas secundárias.

Com a análise destes três pontos é possível compreender a evolução da morfologia urbana, da ocupação do território, perceber e planejar futuras expansões decorrentes desta evolução que está sempre em curso.

3.2. Escola Inglesa de Morfologia Urbana

Teve origem nos estudos realizados por MRG Conzen nas cidades de Alnwick e New Castle Upon Tyne, no norte da Inglaterra. Seus estudos tiveram com bases conceituais o estudo da paisagem e dos resultados visíveis sobre a paisagem urbana. Através da investigação das mudanças e também nas coisas que permanecem com o tempo, analisa-se a paisagem urbana para a demonstração da ênfase fundamental na paisagem urbana e no tempo. Este tipo de estudo morfológico baseia-se na Visão Tripartite, que é o método para análise sistemática da paisagem urbana.

Definidos 3 complexos formais: Plano urbano, Tecido Urbano e Padrão de Uso e Ocupação.

Conzen defendia a variedade de edificações de épocas diferentes, tendo as edificações de época como históricas, que contam sobre a sua época e mostram a evolução até a atual. Com ênfase nos centros históricos.

Segundo a Escola Inglesa, esse estudo torna possível a compreensão do que foi importante na história e/ou arquitetura, devendo ser preservado, aprimorado ou evoluído. E também aprender com os erros e tentativas erradas para saber como não agir.

4. Processos de Ocupação

Os processos de ocupação variam de acordo com o período histórico, o local de ocupação e o povo responsável por essa ocupação. Uma cidade normalmente possui uma ocupação inicial, porém, ao longo do tempo, outros processos ocorrem dentro de seu território, refletindo em sua morfologia, desenvolvimento e relações socioeconômicas e culturais.

4.1. Ocupação Portuguesa

A ocupação efetiva do atual território de Minas Gerais, pelos portugueses, começou a partir do final do séc. XVII, com a descoberta das primeiras jazidas

de ouro. A primeira Vila do Ribeirão do Carmo, que foi elevada à categoria de cidade, em 1745, com o nome de dona Maria Ana d'Áustria. No decorrer do século XVIII, Minas Gerais tornou-se uma das principais fontes de riqueza do Império Lusitano.

A primeira influência urbana portuguesa foi a implementação da cidade de Salvador, em 1549, obedecendo as recomendações da carta de D. João III quanto a implantação, aeração e presença de água com facilidade.

O urbanismo português se transportou para Salvador, introduzindo Largos, determinando posição de Igrejas e fazendo muralhas de madeira e pau-a-pique protegendo a cidade. O traçado se tornou mais regular por ocasião do período do Domínio Espanhol (1580-1640), ainda assim, é comum em cidades do período colonial, a existência de vias que se alargam e se retraem sem um ordenamento. Becos e vielas que subitamente desembocam em grandes largos com templos majestosos encravados em meio a um emaranhado de ruas sem qualquer planejamento direcional, criando uma rede viária desordenada e caótica.

A cidade portuguesa era fundada com preferência na implantação das igrejas em locais altos, às vezes precedidos de escadas, criando uma paisagem cenográfica onde as vias se formavam no entorno dessas igrejas, em uma expansão orgânica, sem um direcionamento mais profundo do que a simples ocupação de caminhos pré-existentes ou derivados destes. Esta ocupação com templos religiosos ocupando as áreas mais altas segue o mesmo padrão observado nas cidades da Grécia Antiga. (BENEVOLO, 2001)

A ocupação portuguesa é visível no desenho de Barbacena no seu eixo inicial de ocupação, com a Igreja de Nossa Senhora da Piedade situada em uma crista de morro e com a cidade se desenvolvendo ao seu redor.

4.2. Ocupação Inglesa

A colonização inglesa, teve um início tardio, comparado aos pioneiros Portugueses e Espanhóis, e se difere também por ser de iniciativa privada. A situação na Inglaterra no século XVII, com conflitos políticos e religiosos motivou alguns locais a tentarem a sorte nas colônias americanas, assim como os que

eram indesejados nos solos ingleses e os piratas, que são os principais articuladores dessa ocupação.

No Brasil, a ocupação inglesa se iniciou pela rota comercial entre Inglaterra e África do Sul, se tornando um ponto estratégico. Tendo os portugueses já residentes como alvo e também pontos de apoio, se caracterizando nessa região mais pelo comércio e escambo do que pela colonização.

A influência inglesa no Brasil também se dá na economia, vida, paisagem e cultura brasileira. O processo industrial brasileiro e seu progresso é um exemplo dessa influência. Sendo os ingleses quase sempre autores de implantações modernas, tais como as primeiras estradas de ferro, primeiras fundições modernas, primeiro cabo submarino, primeiras moendas de engenho modernas de açúcar, primeira iluminação a gás, primeiros barcos a vapor e redes de esgoto.

A Revolução Industrial representou a transição entre a manufatura e o emprego das máquinas que influenciou no êxodo rural sob forte demanda de trabalhadores trocando sua mão-de-obra em troca de salário. Sendo a Inglaterra o palco da Revolução Industrial, sua organização do trabalho e da produção, se expandiu pelo mundo junto com a industrialização.

Em um contexto urbano brasileiro, no início do século XIX, com o alterado número de trabalhadores industriais, passou a haver necessidade de construção de novas moradias próximas às fábricas. Advinda da Europa, o novo contexto que resultou na formação das cidades industriais emergiu no Brasil, inicialmente, com o surgimento das chamadas “vilas operárias”.

Para que os trabalhadores se estabelecessem próximo aos seus locais de trabalho, a estratégia seria que os donos das empresas construíssem moradias para eles. Isso garantia domínio, prontidão, economia e agilidade. Diversas empresas aderiram ao feitiço dessas vilas porque houve resolução do problema de locação da classe trabalhista. Essa dinâmica fora trabalhada por empresas públicas, com incentivos fiscais, e privadas e precisava estabelecer preços acessíveis à uma classe desprovida. E, de um outro lado, qualquer um que dispunha de um terreno, construiria e usava do aluguel, aproveitando o momento.

Em virtude da instalação de empresas como a de tecido, ferrovias e mineração, houve-se um inchaço populacional. Por isso a necessidade da criação de moradias específicas para operários. Elas são caracterizadas por serem um aglomerado de casas com forma repetidas dispostas em blocos formando uma comunidade com interesses comuns. Essa nova organização espacial era um representativo de dominação fabril e segregação, sendo comparada à relação feudal. Isso gerou, temporariamente adiante, politização (movimentos esquerdistas), greves populares, valorização do trabalho e união entre esta classe mantidos com interesses comuns

O Bairro São José, com a fábrica têxtil Ferreira Guimarães, representa esta forma de ocupação, uma vez que grande parte dos moradores do bairro, sobretudo no entorno da fábrica, eram operários da indústria têxtil.

4.3. Ocupação Italiana

A imigração italiana no Brasil teve seu período mais intenso no final do século XIX, pois a legislação antiescravagista se intensificava cada vez mais, culminando com a abolição da escravidão e a abertura de um imenso mercado de trabalho que antes era dominado pelo trabalho escravo. Os imigrantes italianos ocuparam diversas frentes de trabalho, na recém-formada indústria, nas plantações, sobretudo de café e na formação de novas colônias, principalmente na região sul do país, onde a taxa de ocupação era pequena. O trabalhador urbano tinha péssimas condições de trabalho, com longas jornadas e baixa remuneração. Isto refletia na qualidade das moradias ocupadas por eles, normalmente cortiços e favelas.

Em Barbacena a ocupação italiana se deu principalmente na região da Colônia Rodrigo Silva e além da comunidade de fortes tradições italianas que persiste até hoje, teve como seu grande expoente a sericícola, fundada pelo imigrante italiano Amílcar Savassi, tendo hoje parte de seu espaço tombado pelo patrimônio. Apesar dos imigrantes italianos se concentrarem na Colônia Rodrigo Silva, a presença italiana ocorre em toda a cidade de Barbacena, impactando também na evolução morfológica da cidade.

5. Histórico de Barbacena

O século XVIII foi o grande ponto de partida para a ocupação das terras mineiras, com a criação das três primeiras vilas, Vila Rica (Ouro Preto), Ribeirão do Carmo (Mariana) e Sabará, no ano de 1711, decorrentes das primeiras descobertas.

O território onde se localiza a cidade de Barbacena teve como habitantes iniciais os índios Puris. Porém foram com as expedições bandeirantes que a região foi ocupada permanentemente. Da fazenda da Borda do Campo, próxima da junção dos Caminhos Velho e Novo e de propriedade de Garcia Rodrigues, formou-se o assentamento que originou a cidade.

Seguindo o padrão da ocupação portuguesa, Barbacena se desenvolveu no entorno de uma igreja, sendo esta até 1730, a capela antiga, passando em seguida para a Capela de N. S. do Pilar do Registro Velho, no atual distrito de Dr. Sá Fortes, em Antônio Carlos. Em 1728, foi escolhido o local de edificação da chamada Igreja Nova, cuja construção iniciou-se em 1743, estabelecendo-se assim, o local definitivo a partir do qual o povoado se expandiria.

A abertura do Caminho Novo, em 1698 por Garcia e Domingos Rodrigues, foi fator determinante para o desenvolvimento do povoado, uma vez que, tornou-se passagem obrigatória dos viajantes indo ou vindo da região das minas e do Rio de Janeiro.

Em 1791 é criada, pelo governador Visconde de Barbacena, a Vila que levaria seu nome, e que também homenageia a freguesia de Barbacena em Elvas, Portugal (extinta em 2013 com a formação da União das Freguesias de Barbacena e Vila Fernando). A vila foi um pedido dos habitantes, temerosos com a violência crescente e descontentes com a distância da sede da Comarca do Rio das Mortes. O território, à época, confrontava com os territórios que hoje são as cidades de São João Del Rey, Tiradentes, Conselheiro Lafaiete e Mariana.

Em 24 de fevereiro de 1823 recebeu, por decreto e posteriormente em 17 de março, por alvará, o título de Nobre e Leal Vila, por conta da oferta de se tornar sede da monarquia e ocupar o Rio de Janeiro em defesa do então Príncipe Regente, D. Pedro, por ocasião da exigência da Corte Portuguesa do seu retorno à Portugal, evento que terminou por desencadear a independência do Brasil.

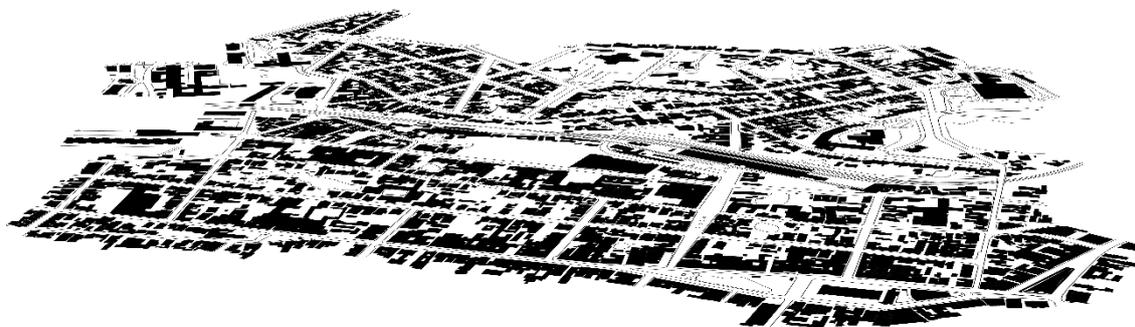
Foi elevada à cidade em 9 de março de 1840, por conta da Lei Provincial nº 163. A posição geográfica privilegiada permitiu que o povoado se desenvolvesse, mesmo não estando diretamente ligada à exploração do ouro. Dessa forma, Barbacena surge da ocupação que se fez presente durante o Ciclo do Ouro, sem com que haja uma ocupação e expansão coordenada, assim como as demais vilas surgidas no período.

Com base nisso, o estudo foca nos ciclos desenvolvimento da cidade até os dias atuais, analisando as formas de ocupação e suas consequências positivas e negativas para a expansão da área urbana, bem como seus impactos no cotidiano dos habitantes e na própria cidade do ponto de vista urbanístico.

6. Pesquisa de Campo

Entre os dias 26/11/2018 e 10/12/2018 foi realizado um estudo de campo nos bairros Centro e São José, na cidade de Barbacena-MG. O estudo foi realizado em 4 zonas abrangendo parte do Centro no sentido da Estação Ferroviária e as áreas de entorno da Basílica de São José e o terreno da antiga Fábrica Ferreira Guimarães.

Área de Pesquisa – Centro/São José



6.1. Metodologia

O trabalho de campo teve por objetivo coletar informações sobre os imóveis presentes na área de estudo de forma a permitir observações tanto do conjunto quanto de exemplares específicos que permitam situar os diversos períodos evolutivos da ocupação na região.

Para agilizar o processo de coleta de dados e ao mesmo tempo padronizar as informações para obter valores estatísticos, foram utilizados mapas de cada uma

das zonas, onde as informações eram registradas de acordo com legenda pré-definida.

Inicialmente estava previsto trabalhos em duplas ou trios, para que uma área maior fosse coberta ao mesmo tempo. Porém, com o início dos trabalhos, observou-se um melhor rendimento com um grupo único, pois cada membro podia focar-se em um ou dois mapas apenas, aumentando a precisão das informações e reduzindo o número de lançamentos errados.

6.2. Dados Coletados

Durante a pesquisa de campo foram coletados dados sobre: o tipo de uso do imóvel, podendo este ser residencial, comercial, misto, industrial ou institucional. Altimetria do imóvel foi outro aspecto observado, dividindo os imóveis entre 1, 2 ou 3 ou mais pavimentos. A ocupação do solo foi categorizada quanto à posição do imóvel no terreno, podendo ser na esquerda, direita, frente, fundos ou central. Estes aspectos observados se focam nos imóveis.

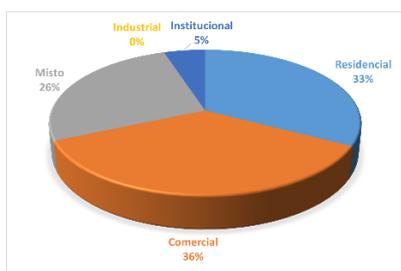
As vias foram analisadas através da presença ou não de passeio e do tipo de pavimentação, podendo ser asfalto, calçamento ou terra. As vias também foram classificadas quanto ao fluxo de pessoas e veículos, sendo primário para as vias de fluxo mais intenso, responsável pela conexão entre bairros, secundário para as vias principais no interior do bairro e terciário nas vias internas de menor fluxo.

A área de estudo também foi observada como um todo através do estudo de áreas verdes e a marcação de cheios e vazios. Dessa forma foi possível identificar o nível de ocupação deste território e a presença ou ausência de áreas de mata nos vazios observados.

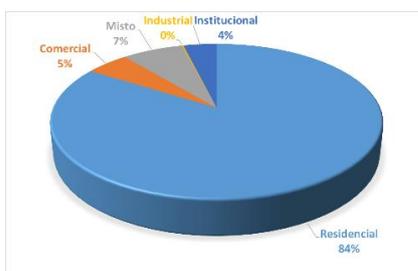
6.3. Apresentação de Dados Quantitativos

Uso dos Imóveis

CENTRO

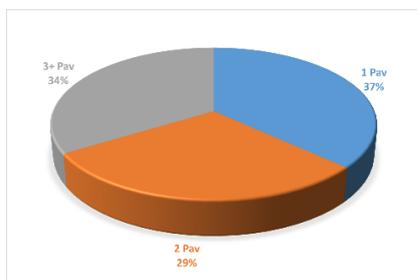


SÃO JOSÉ

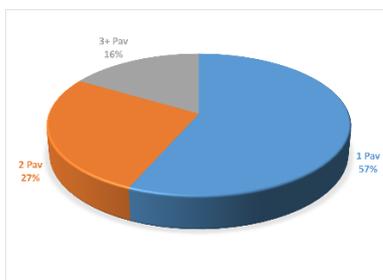


Altimetria dos Imóveis

CENTRO



SÃO JOSÉ



7. Compilação de Dados

Terminada a fase de coleta das informações em campo, iniciou-se a compilação e estruturação dos dados obtidos para que sirvam de elemento de análise na fase final do projeto. Sendo assim, os dados foram organizados em tabelas para que fosse possível uma visão ampla e geral do trabalho realizado.

Contudo, muitos dos dados são qualitativos e o quantitativo deles não importa pois são informações de relevância exclusiva para cada elemento individualmente. Buscando facilitar a organização dos dados qualitativos e também quantitativos, foi utilizado um software de geoprocessamento que possibilita cadastrar os elementos individualmente, mas que produz levantamentos dos totais a partir de critérios de filtragem. Dessa forma a análise dos dados ganha um componente mais amplo pois a ferramenta permite identificar padrões complexos de relação entre os diversos elementos, o que poderia não ser possível se realizado manualmente.

7.1. Geoprocessamento X Observação de Campo

A ferramenta de geoprocessamento facilitou a compilação dos dados, mas ocasionou outros problemas. Os dados obtidos em campo eram inferiores em quantidade dos dados obtidos através das fotografias de satélite. Essa divergência era decorrente da existência de imóveis enclausurados dentro das quadras. Esses imóveis são invisíveis do ponto de vista das calçadas e sua identificação visual quanto a altimetria, uso e posição é praticamente impossível.

Esta divergência entre os dados da vista aérea e da terrestre obrigou uma revisão dos dados de forma a identificar quais são os elementos presentes em ambos, resultando em um acréscimo de trabalho na análise destes dados. Por

conta da divergência, optou-se pela inclusão de uma nova categoria entre os dados, que é a categoria Enclausurado. Assim, fica reconhecida a existência do referido imóvel mesmo que suas informações, em um primeiro momento, não constem nos dados levantados. Essa categorização permitirá que numa próxima etapa, sejam incluídas informações especificamente sobre esses imóveis, de modo a completar o panorama geral da área de estudo.

A visualização dos imóveis e ruas pessoalmente, dá uma percepção mais ampla do desenvolvimento da cidade, principalmente na área de estudo. A análise individualizada de cada imóvel, permite a identificação de detalhes e padrões que não são reparados em observações cotidianas. Cada elemento estudado fornece informações e também fomenta hipóteses e teorias que buscaremos desenvolver e provar ou refutar através de uma análise aprofundada dos dados.

8. Levantamento Socioeconômico

Economicamente Barbacena não apresenta nenhuma atividade relevante que a destaque frente às demais cidades do país. Suas principais atividades econômicas concentram-se em serviços públicos, educação e comércio. A indústria têxtil, importante na formação do Bairro São José, extinguiu-se e a produção e comércio de rosas e flores, que foi destaque internacional, encontra-se bastante retraído, perdendo sua importância no cenário floricultor.

Apesar da perda ou redução de suas atividades econômicas mais relevantes, Barbacena mantém um constante crescimento populacional e uma frequente expansão da sua malha urbana. As causas dessa expansão não são perceptíveis nos dados socioeconômicos e demandam um estudo mais complexo para o perfeito entendimento deste fenômeno.

9. Estudo Cultural

O estudo cultural foi realizado para o projeto de pesquisa “Rizoma: cidade em movimento” com estudantes entre 8 e 12 anos. O resultado permite compreender como as novas gerações percebem e identificam o espaço urbano.

9.1. Metodologia

Este estudo aplicou um questionário aos participantes das visitas guiadas realizadas na área central da cidade. Um grupo recebeu uma palestra explicativa

sobre conceitos culturais como identidade, memória, patrimônio e preservação. Outro grupo respondeu apenas com seus próprios conceitos, sem explicações prévias.

69% e 68,1% dos participantes de cada grupo respectivamente, conhecem ou entendem haver um bom conhecimento sobre os locais históricos da cidade. Conceitos como memória e identidade, embora tendo a maioria respondido saber do que se tratam, tiveram suas explicações em sua maioria rasas e relacionadas à memória intelectual e ao documento de identidade.

Sobre o uso do espaço urbano, sobretudo das praças, 67,1% afirmam frequentar as praças. Nesse caso, praticamente 1/3 dos entrevistados não frequentam as praças. Como os entrevistados são crianças e adolescentes, nota-se um percentual considerável de pessoas que não identificam nas praças da cidade uma opção de lazer.

O estudo conclui ainda que apenas 68,1% conhecem os aspectos históricos de Barbacena. Por se tratar de estudantes, observa-se uma defasagem nos estudos da história local, o que leva à falta de preservação e perda da memória e da identidade.

10. Análise de Resultados

No decorrer do projeto, observou-se o crescimento populacional e as mudanças na morfologia urbana de Barbacena. Tal crescimento aumentou a demanda por espaço, resultando em uma modificação do espaço, não apenas nos anéis de expansão, como também em regiões já ocupadas e consolidadas, com demolição de imóveis antigos e construção de novos.

Com a mudança no espaço, identifica-se uma perda estética e um processo de enfeamento da cidade. Nesse quesito, o Bairro São José se mostra como um ponto de resistência a esse processo. Contudo, observa-se um grande número de imóveis construídos recentemente ou em fase de construção, o que demonstra que o processo de modificação, ainda que incipiente, já está ganhando volume nessa região. Espera-se que o aprofundamento da questão revele as causas do processo de enfeamento de formas a encontrar soluções para reverter ou pelo menos amenizar tal fenômeno.

Referências

- BENEVOLO, Leonardo. A história da cidade. 3ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. Lisboa: Edições 70, 1999.
- CHOAY, Françoise. O urbanismo. 3ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva. 1992.
- JACOBS, Jane. Morte e vida das grandes cidades. 3ª Edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Editora da Unesp: Estação Liberdade, 2006.
- PEREIRA COSTA, S. A.; SAFE, S. M. S.; CASTRO, C. Reflexões sobre a escola italiana de morfologia urbana. In: CONINTER – CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES, 2., 2013, Belo Horizonte.
- CORREIA, Telma de Barros. 2001. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais. Disponível em: <<http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/59/43>>. Acesso em: 28 set. 2018.
- BARBOSA, Yuri Amaral. UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
- INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/latur/files/2011/07/O-PROCESSO-URBANO-DE-JUIZ-DE-FORA--MG.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2018.
- MILANO, Daniela Ketzer. Revista do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade. Habitações Operárias: evolução das imagens de representação. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8635130/2945>>. Acesso em: 28 set. 2018.
- SILVA, Ronaldo André Rodrigues da. Fórum Patrimônio. ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL, MEMÓRIA E DOCUMENTAÇÃO: Os Registros das Vilas Operárias Siderúrgicas de Sabará – Minas Gerais. Disponível em: <http://www.forumpatrimonio.com.br/seer/index.php/forum_patrimonio/article/view/181/142>. Acesso em: 28 set. 2018.
- TAUNAY, Affonso de E. História das Bandeiras Paulistas: Tomo I. São Paulo: Edições Melhoramentos.
- TAUNAY, Affonso de E. História das Bandeiras Paulistas: Tomo II. São Paulo: Edições Melhoramentos.
- VASCONCELLOS, Diogo. História Antiga das Minas Geraes. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1904.
- VASCONCELLOS, Diogo. História Média das Minas Geraes. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1918.

SALVADOR, Frei Vicente do. História do Brasil. Salvador: Manuel Severim de Faria, 1627.

ARMITAGE, J. História do Brazil. 2ª Edição Brasileira. São Paulo: Typographia Brazil de Rothschild & Cia., 1914

MOOG, Vianna. Bandeirantes e Pioneiros: Paralelo entre duas culturas. Porto Alegre: Editora Globo, 1957

BOXER, Charles R. A idade de ouro do Brasil: Dores de crescimento de uma sociedade colonial. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

MACEDO, J. M. de. Ephemérida Histórica do Brazil. Rio de Janeiro: Typ. Do Globo, 1877

VEIGA, J. P. Xavier da. Ephemérides Mineiras: (1664-1897) - Tomo I. Ouro Preto: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1897.

VEIGA, J. P. Xavier da. Ephemérides Mineiras: (1664-1897) - Tomo II. Ouro Preto: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1897.

VEIGA, J. P. Xavier da. Ephemérides Mineiras: (1664-1897) - Tomo III. Ouro Preto: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1897.

MELLO, Dr. J. A. Teixeira de. Ephemérides Nacionaes: Tomo I. Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta de Notícias, 1881.

SILVA, J. N. de Souza. História da Conjuração Mineira. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1873.

AYRES, Sérgio Cardoso. Dossiê de Tombamento: Acervo do Jornal Cidade de Barbacena. Barbacena: Prefeitura Municipal de Barbacena, 2011.

MASSENA, Nestor. Barbacena: a terra e o homem – Volume 1. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1985.

MASSENA, Nestor. Barbacena: a terra e o homem – Volume 2. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1985.

ANDRADA, D. G. Borges de; SANTOS, A. O. de Araújo. Barbacena ontem e hoje. Belo Horizonte: C/Arte, 2017.

SAVASSI, A. J. Barbacena 200 anos: Volume 1. Belo Horizonte: Editora Lemi, 1991.

SAVASSI, A. J. Barbacena 200 anos: Volume 2. Belo Horizonte: Editora Lemi, 1991.